

# O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

ANNO  
1.º

Assignaturas  
Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs.  
Administração Livraria Valle, Campo de S. José, Barcellos  
par: onde toda a correpondencia deve ser dirigida franco de  
por.e.

DOMINGO, 25 DE JANEIRO

—DE 1891—

Publicações

Annuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpedo jornal  
40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 % An-  
nunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um  
exemplar.

NUMERO  
47

SABBADO, 24

## MAIS MELHORAMENTOS E MENOS CANTATAS

N'esta febre de conquistas para todas as artes e para todas as industrias, tem-se fallado em o nosso parlamento e na imprensa mesmo em favor da industria mãe, a agricultura.

O que é certo porem, é que nenhum melhoramento pratico achamos n'esta industria, que occupa a maior parte dos braços trabalhadores, que temos no paiz.

Entre nós, aqui no Minho, a agricultura d'hoje é precisamente o que era ha um seculo; o mesmo systema de trabalho, a mesma rotinec, a mesma coisa sempre, nem para melhor nem para peor; mudamos apenas da cultura do milho alvo, ou meúdo, para o milho grosso, ou maiz. Nada mais, e nada menos; e se o agricultor lucrou com a preferencia, é isso coisa que não podemos, de momento, apreciar bem.

Não se pó le pôr em duvida, que a industria agricola, como todas as outras, tem lucrado, e muito com o novo systema de viação accelerada, vendendo por isso, os seus productos por um preço mais compensador, que em tempo o podia fazer. Mas tambem ninguem desconhece a avidez com que o fisco olha para o pobre lavrador, levando-lhe coiro e cabelo em todo o genero d'impostos, desde o que recae sobre os generos de consumo, de primeira necessidade sem exceptuar a luz, até ás contribuições directas de todo o genero.

A differença e desigualdade orçamental do paiz tem levado os nossos homens d'estado a apertar o tresmalho das contribuições; e, sem pensarem, nem estudarem os meios de mais economias, só pensam, ou, antes tem pensado e estudado o meio de pluralisar os impostos directos e indirectos, sem se importarem com os males, que elles vem produzir á classe laboriosa do paiz, e, fazem-se desconhecedores das molestias, que vão infermando, cada vez mais, a agricultura nacional.

Pois é dever indeclinavel da imprensa fazer vêr aos nossos legisladores e ao poder executivo quaes alguns d'esses males, quaes algumas d'essas erfermidades que arruinam a primeira das nossas industrias, a agricultura.

Fallaremos, por agora, no imposto, ou contribuição sumptuaria, com relação ao cavallar.

A nossa provi

nho produziu, em tempo, gado cavallar, muar e azinico, que não só satisfazia ás exigencias do serviço agricola, mas tambem constituia uma fonte de riqueza para os lavradores, não só na melhoria dos adubos a empregar no trabalho agricola, como tambem na receita que advinha aos lavradores pela venda de gado para outras provincias do paiz. Essa fonte de riqueza agricola está a estancar por completo, em virtude do imposto sobre aquelles animaes.

Hoje o gado cavallar que temos na provincia é quasi que na totalidade importado da provincia da Galliza, e de outras procedencias d'Hispanha; hoje não vendemos aquelle gado, ao contrario, vamos compral-o a um paiz estrangeiro! Bellezas da tal contribuição sobre aquelle genero de gado em casa dos lavradores!

Sabemos que a lei ou regulamento d'esta contribuição exempta as eguas de criação; mas é que os nossos empregados do thezouro, influmados por um zelo pharizaico, não deixam escapar nada; e, para elles, não ha eguas de criação; basta que o domno d'este animal faça um dia entrada na cabeça do concelho a cavallo n'aquellas eguas, é o bastante para que seja logo collectado o seu gado na matriz da contribuição sumptuaria!! Ora, de que sumptuosidade se vêem cercados os nossos lavradores, alimentados a cablo e a maiz por peneirar?

Ninguem ignora o systema de vida do nosso pobre agricultor, que trabalha de sol a sol, e até muitas noites perde, somente para agenciar o pão da familia, porque a mais não podem chegar os seus mesquinhos ganhos. E é na maior parte sobre elle que as contribuições do estado se assentam!

Mal lhe chegando o remanescente das limitadas rendas de seus poucos predios para satisfazerem as exigencias do fisco, ainda os affligem nas suas pequenissimas industrias, como que se não fora licito, ao nosso lavrador poder juntar no fim do anno algumas duzias de vintens para se vestir e aos seus.

Triste condição esta! Lamentavel modo de contribuir no nosso paiz. E' urgente procurar meio efficaz de remediar tão graves males, e mesmo não é justo que se deixe permanecer indeterminadamente em tão lastimoso estado a maior classe do paiz.

Pense-se sobre os males, que atropiavam a nossa agricultura, e deem-lhe mais melhoramentos e menos cantatas.

Continuaremos.

(Rimas)

## SCIENCIAS E LETTRAS

### AS ONDINAS

*Na praia tranquilla murmuram sonoras  
As ondas do mar.  
E, ao doce das aguas murmurio palreiro,  
Na areia dormita gentil cavalleiro  
A' luz do luar.*

*As bellas ondinas emergem das grutas  
De vivo coral,  
Accorrem ligeiras, e apontam, sorrindo,  
O moço que julgam devêras dormindo  
No argenteo areal.*

*Vem esta, e perpassa no gorro das plumas  
As mãos de setim.  
E aquella, com gesto divino, gracioso,  
Nos ares levanta do joven formoso  
O aureo talim.*

*Ess'outra, que lavas, que fogo não vibram  
Seus olhos de anil!  
Debruça-se e arranca-lhe a rutila espada,  
Nos copos brilhantes se apoia azougada,  
Travessa e gentil*

*A quarta, saltando, retoica, lasciva,  
Do moço em redor;  
Suspira mansinho, de manso murmura:  
Podêsse eu em vida gosar a ventura  
Do teu fino amor!*

*A quinta rebeija-lhe as mãos, entevada  
Num sonho feliz,  
E a sexta, com tremula e doce esquivança,  
Perfuma lhe a bocca, formosa criança!  
Com beijos subteis. . . . .*

*E o moço, fingindo que dorme tranquillo,  
Não quer acordar.  
E deixa que o abracem as bellas ondinas,  
E languido gosa caricias divinas  
A' luz do luar. . . . .*

GONÇALVES CRESPO.

### SONETO

*Aquelle amor, que tinhas n'alma escripto,  
Onde está? dize, ó falsa: tão depressa  
Como é possivel, que um amor se esqueça  
Tantas vezes aos ceos jurado e certo?*

*O' praza aos mesmos ceos, que implora afflicto,  
Que inda igual desventura te aconteça!  
Pois como testemunhas da promessa  
Hão-de ser vingadores do delicto.*

*A' minha vista te castiguem logo  
Com desamor, desprezo, e desagrado;  
Porém que peço, que supplico e rogo?*

*Não seja assim teu crime castigado;  
Porque eu tenho mais prompto desafogo  
Em chamar-te mulher; e estou vingado.*

JOÃO XAVIER DE MATOS

## O CORPO E A ALMA

Diz a pobre alma ao corpo:  
Não te abandono, quero ficar  
contigo, contigo quero abysmar-  
me na noite e na morte, contigo  
heber o nada. Tu tens sido  
sempre o meu segundo eu, en-  
volvendo-me amorosamente como  
um vestido de setim docemente  
fornado de arminhos. Ah! é pre-  
ciso agora que, inteiramente  
nua, inteiramente despresada do  
meu querido corpo, um ser pura-  
mente abstracto, vá errar lá no  
alto, como um nada feliz, nos  
reinos da lua, n'estes frios espa-  
ços do ceu, onde as eternidades  
silenciosas me olham, a boejar.  
Elias arrastam-se lá por cima  
cheias de aborrecimento e fazem  
um barulho insipido com as suas  
clinetellas de chumbo. Oh! é hor-  
rivel! Fica, fica comigo, meu  
corpo muito amado! . . .

E diz o corpo á pobre alma:  
Oh! consola-te! Não te afflijas  
d'esse modo. Nós devemos sup-  
portar em paz a sorte que nos  
marcou o destino. Eu era a tor-  
cida da lampada, é necessario  
que eu me consuma, tu, o es-  
pirito, tu serás escolhida lá no  
alto para brilhar, linda estrella,  
como a luz a mais pura. Eu não  
passo d'um farrapo, não sou  
senão materia; é preciso que eu  
me dissipe e que torne ao que  
era, — uma pitada de cinza. A-  
leus, e resigna-te! Talvez que  
até pelos ceus se divirtam muito  
mais do que tu pensas. E se en-  
contrares a grande ursa na abo-  
bada dos astros, dá-lhe mil reca-  
dos da minha parte! . . .

Henri Heine.

## A CORTIÇA

É a camada que reveste ex-  
ternamente o tronco das arvores,  
e que no sobreiro chega a tomar  
grande espessura, pelo que é  
explorada industrialmente.

Extrahe-se a cortiça fazendo  
duas incisões annulares em vol-  
ta do tronco, uma em baixo e  
outra em cima, e reunindo-as  
por uma terceira incisão recta  
ao longo do tronco. Em seguida  
despega-se a camada de cortiça  
dos tecidos subjacentes, com o  
auxilio d'um instrumento termi-  
nado em spatula.

Deve ter-se muito cuidado  
em não offender os tecidos vivos  
subjacentes, porque sendo elles  
os productores da cortiça, pode  
assim prejudicar-se a colheita  
futura.

Começa a extrahir-se a cor-  
tiça dos sobreiros aos 18 annos  
d'idade, mas esta primeira ca-  
mada é de má qualidade e de  
pouco valor. Sete annos depois  
tem lugar a segunda colheita, já



de melhor qualidade, continuando em seguida a exploração em períodos de sete annos, e augmentando sempre o valor até aos 40 ou 50 annos, idade em que o sobreiro atinge o seu maximo rendimento.

Havendo no montado mactissos de todas as idades, e assim deve ser em explorações bem dirigidas, pode obter-se um bom rendimento annual.

A extracção da cortiça deve effectuar-se em agosto, epocha em que ella se destaca com maior facilidade.

F. F.

DIA A DIA

Fazem annos:

Hoje o sr. José Candido Marques d'Azevedo

Amanhã a menina Maria da Paz interessante filha do sr. dr. Miguel Pereira da Silva

Dia 27—a menina Luiza da Costa Basto, sympathica filha do sr. Joaquim Augusto da Costa Basto

Dia 28—a exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Leonor Julia da Silva Lima, e o sr. conselheiro José d'Abreu do Couto d'Amorim Novaes.

Dia 29—o sr. dr. Ayres Julio de Lobão Macedo Chaves.

Dia 31—a exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia Barros Lima.

De visita ao seu particular amigo e primo o sr. Manuel Pereira Leite de Carvalho, estiveram n'esta villa os srs. viscondes d'Alvellos.

PELA SEMANA

A Gazeta do Povo

... o inimigo, o que avança!  
Vae metralhar-nos, que nos lança!  
... ás mãos cheias!

(Finis Patriae)

GUERRA JUNQUEIRO.

A Gazeta do Povo apparece-nos furibunda com um ataque de nervos que necessariamente é preciso vestir-lhe uma camisa de forças, aliás vel-a-hemos bater com a cabeça pelas paredes.

Diz cousas que só um tresloucado inconsciente do que é pode dizer, mas ha a notar uma pequena differença. Esses desgraçados, a quem falta a luz da razão, são irresponsaveis; mas os da Gazeta não, e muita maior responsabilidade assumem quando pretendem entrar no santuario da familia, e revolver as cinzas dos mortos, para defender baixa e vilmente os Catões da sua politica. Desgraçados! Miseraveis!

E se nós lhes fossemos agora a vida intima?

E se nós lhes saltassemos para o campo nojento e enlameado em que nos provocam tão vilmente, que nem sequer usam da calumnia desencapotada e clara?

Não fujam á responsabilidade. Apontem os factos, digam as pessoas a quem se referem.

Nós é que se quizessemos descer ao campo a que nos chamam, lhes podiamos descobrir o sudario repellente da sua podridão, da sua infamia, da sua indignidade. Mas não. Não o faremos.

Já o dissemos e repetimol-o. Quando á nossa porta bater a mão insidiosa da calumnia, envolta na luma esburacada d'um esty-

lo estafado e grosseiro, e armada com as pedras vis do insulto baixo e desprezível, formamos inabalavel proposito de lhe não sair ao encontro, não porque tenhamos receio de cair no combate, mas por nos assaltar o temor de nos enterarmos em lodo.

E depois, quando conhecemos que os nossos adversarios pouco leaes, á mingua de elementos com que possam airoosamente sustentar-se na esfera legitima da discussão, teem de recorrer a evasivas que nada justificam, e pretendem, segundo affirmam, invadir—extremo desvario!—a atmospheria sagrada da familia, e ainda—suprema indignidade!—aneacem de ir ás campas levantar as cinzas dos que lá dormem, não nos é licito continuar a luta.

Não!

Era um attentado contra a educação do povo, era um attentado contra a moralidade, era um attentado contra a civilização; era acastellar injurias, denegrir caracteres, fomentar odios, profanar os mortos, uma pustula, um escarro, um vomito, uma loucura!

Não é esta a missão da imprensa. Labaro triumphal a cuja benifica sombra se acrisolam verdades e se conquistam reputações nas lições inculcadas, mas gloriosas da ideia, não pode ser a rodilha fetida d'onde se desenrolem vituperios e d'onde se despreguem sarcasmos.

E se a forma plastica do pensamento é o estylo, e por esta se aquilatam os homens, o respeitavel tribuna da opinião publica que vos julgue, redactores e colaboradores da Gazeta do Povo, que nós não queremos ser aferidos nem pelas vossas ideias nem pelo vosso estylo.

Ponde nas paginas do vosso jornal bem em evidencia a massa de que a vossa alma é formada, e vós proprios vos encarregaes de nos justificar perante o publico.

Agora o que não passa sem correctivo, são os vossos disparates, os vossos defeitos publicos, os vossos erros, os vossos processos de fazer politica, as vossas faltas, as vossas irregularidades, as vossas erradas apreciações, a vossa ignorancia, o vosso desprezo pela lei que atropellaes a cada passo, as vossas intrigas e as vossas baixezas.

Ainda com relação á nossa noticia, para que está o collega a contradizer a verdade conhecida por tal.

Tanto é exacto o que dissemos acerca do local para a casa das escolas, que o collega no seu penultimo numero pertendeu justificar a escolha.

Nós não dissemos que a exm.<sup>a</sup> camara deliberou.

Noticiamos apenas qual era o local por ella escolhido para a dita construcção.

E para que nós a acreditassemos bastava-nos saber que era o sitio escolhido pelo sr. conselheiro José Novaes.

Com relação á comarca d'Espozende, diremos que foi o sr. conselheiro Lopo Vaz quem mais mal fez até hoje á integridade da nossa comarca, em vista das 28 que creou abusivamente.

Foi o ministro que mais favoreceu a causa d'Espozende, e se não lhe creou a comarca, nem por isso nos deixou desencanados, mas antes mais difficilmente collocados.

Não atiram com poeira aos olhos dos seus concidadãos.

O que em tempo algum escreveu acerca da comarca d'Espozende, toda a gente sabe que foi um simples cumprimento ao então deputado, sr. dr. Barros.

E se a comarca estivesse creada, que inconveniente haveria em que lá estivesse empregado um filho de Barcellos? Não esteve ainda ha pouco lá empregado um dos redactores da «Gazeta?»

Decididamente não teem que dizer e estão furiosos.

E' falso o que a «Gazeta» affirmou á cerca do prebencimento do lugar de guarda do matadouro.

A verdade é que alguém o pediu e alguém o agradeceu a chorar.

Não é exacto que se pertencesse a tal ponto de Romz em primeiro lugar. Isso são affirmações de politica de feira.

A escorrer sangue não ha de ficar quem tem a consciencia tranquilla em todos os seus actos, quem é honrado como anda a dizer a toda a gente o proprietario da Gazeta, em completa disharmonia com o que solta essa voz anonyma no jornal.

Quem ha-de ficar a escorrer sangue, creiam, é quem foi pedir á nullidade, para o acompanhar a casa d'um vereador que não queria o prebencimento do lugar que foi dado ao sr. Maciel.

E este sr. sabe quem votou contra.

Se no momento teve duvidas, e Deus perdoe a quem lhas metteu na cabeça, desenganou-se depois e confessou que o tinham enganado.

E se ainda ha quem tenha essas duvidas, é vivo felizmente, o sr. Valé Lima, que declara a toda a gente que votou no sr. Vallongo.

Conservem os documentos que os outros fazem o mesmo e fazem o mesmo porque tambem conhecem as caras.

Mis que defesa pode dar um elogio feito por um serviço qualquer? Esses serviços não podem encobrir calvas ou pustulas.

Ahi vai para amostra.

Quem foi o presidente da camara que obrigou os seus cordeirinhos a crearem um lugar d'amanuense na camara para dar a um filho d'um dos carneirinhos?

Quanto se fixou que devia ser o seu ordenado?

Como seria que appareceu na acta determinado o ordenado de 500 reis diarios, tendo-se fixado apenas o de 400 rs.

Não neguem que o caso foi bem saliente e escandaloso.

A quem se referirá uma carta do Vianna do Castello para o n.º 271 do nosso collega «A Republica», e do qual transcrevemos o seguinte trecho?

«A emigração clandestina—Os nove individuos que ha dias foram presos na estrada da Areosa, porque pretendiam embarcar clandestinamente para o Brazil, no porto de Vigo, acabam de novamente, apenas sahiram da cadeia sob fiança, de seguirem o seu destino primitivo, indo a Vigo embarcar no Liguria, que a estas horas vai sucando os mares com destino á grande Republica da America do Sul. Estes individuos são todos do concelho de Barcellos, constando-nos que ha ali um engajador muito celebre que por varias vezes tem sido protegido por um deputado regenerador que já foi governador civil d'um districto, que na camara dos deputados lhe foi cortada a palavra por abuso da mesma, sendo-lhe concedida pelo sr. João Arroio.»

Com quem será isto, ó collega? Será comnosco?

Fallecimento—Na avançada idade de 90 annos, finou-se ultimamente na sua casa de Alvellos o sr. João Lourenço da Silva Ferreira, pae do sr. visconde d'Azevedo Ferreira, um dos cavalheiros mais respeitaveis da colonia portugueza em Paris.

S. ex.<sup>a</sup> que estremecia seu pae ha de a esta hora vêr-se mergulhado na mais profunda dor.

Ao funeral, que se effectuou ante-hontem, concorreu grande numero de pessoas d'esta villa, fazendo-se representar a Santa e Real Casa da Misericordia, Associações Humanitarias de Soccorros Barcellopinense e de Bombeiros Voluntarios.

Do Porto, para assistir aos funeraes vieram os srs. Constantino Nunes de Sá, José da Silva Ferro e dr. Adriano de Moraes Carvalho, que conduziram as seguintes corôas para serem collocadas no ataude:

De lilazes, rosas, amores e narcisos, riquissima, com fitas de cha maiote negro, muito largas, e a inscripção:—«Testimunho de amor filial e saudade.—V. secunde de Azevedo Ferreira».

De violetas, glicinias, cecias, com largas fitas negras:—«Respeito e gratidão.—Constantino Nunes de Sá».

De violetas, lirios, cecias, juncintos, lilazes, largas fitas negras:—«Saudade e respeito.—Francisco Sagado Zenha».

De violetas, amores e glicinias, simples, elegantissima, largas fitas:—«Profunda saudade.—Adriano de Moraes Carvalho».

A toda a familia do finado o nosso profundo pezame.

Obito—Falleceu a sr.<sup>a</sup> Maria Thereza Pereira, esposa do sr. Manuel José d'Oliveira Azevedo.

A expressão sincera da nossa condolencia aos doridos.

Transferecia—Pela ultima ordem do exercito foi transferido para a companhia de correcção, o sr. alferes Lapa Corrêa, que pertencio ao 2.º batalhão do 20º aqui estacionado.

A baba da «Gazeta do Povo».—Este periodico da nossa terra, tenta com a sua baba infecta macular o procedimento e o caracter do digno administrador d'este concelho.

Os seus actos, porém, fallam mais alto que todas as diatribes d'essa voz corrupta que o publico conhece.

Para os habitantes d'este concelho, que podem conhecer de perto os actos do illustre funcionario, não é preciso desfazer as falsidades que esse orgão insidioso propala; por isso deixamos passar sem o correctivo necessario as invectivas damnhas, tecidas por desesperado embusteiro.

Todavia a trapaça tentou estender-se a onde não geriam conhecidos os factos, mas, felizmente, não é só em Barcellos que se descobre a verdade, como o prova cabalmente a transcripção que nos apraz fazer do nosso prezado collega A Correspondencia do Norte:

«O Administrador de Barcellos

O «Regenerador» transcreve da «Gazeta do Povo» uma noticia em que se diz que o administrador de Barcellos mandou pôr em liberdade um individuo, preso em flagrante delicto de furto, depois de mandar entregar á parte queixosa os objectos furtados.

Ora agora ahi vai para esclarecimento da verdade: tratava-se d'um furto d'espigas que o queixoso, o proprio queixoso, avaliava em menos de 400 reis.

Depois do homem estar preso, mas não entregue ao tribunal, o referido queixoso recebeu novamente as suas espigas e desistio não só de ser parte contra o larrapio, como até da queixa dada. Ora n'estas condições, com o valor que havia dado ao furto era inferior ao que a lei penal exige para que o M. Publico possa proceder sem haver parte queixosa, o digno administrador fez... o que devia fazer. Mandou soltar o homem.

Ora não seria tão bom que a «Gazeta do Povo» soubesse alguma coisinha das leis do paiz, antes de se metter a... taralhão!

Ainda assim a titulo d'informação, devemos dizer ao «Regenerador» que o sr. administrador de Barcellos, desde que tomou posse d'este cargo, nunca mais exerceu o lugar de sub-delegado, a pedir a demissão do qual nos consta ter dado entrada na secretaria de Justiça o competente requerimento.

o collega leu de

tremenda accusação, feito no mesmo semanario, em que se diz que o sr. administrador d'este concelho, mandou pôr em liberdade um mancebo auctuado como refractario, depois de lhe ser presente, acompanhado por um outro mancebo que era interessado em o prender; mas naturalmente o collega d'avidou logo que esse mancebo lhe fosse apresentado nos termos legaes, com a necessaria certidão authentica do auto de refractario.

Parece-nos que acertou.

Agora, presado collega, da Correspondencia do Norte, quando ler outra terrivel e grave accusação ao nosso digno administrador, pedimos-lhe que não responda mais a semelhantes pasquinhadas.

O frio do inferno.—Do nosso prezado collega lisbonense «O Correio da Noite» transcrevemos o seguinte:

«Como porém não ha nada por mais triste que seja, que não tenha o seu lado comico tambem o frio nos dá a sua nota alegre.

Em uma povoação da Beira, coberta de neve e por uma temperatura de seus graus abaixo de zero, festejava-se o orago da freguesia. O pregador, um d'esses pobres, simples mas respeitaveis sacerdotes que tem envelhecido serena e desbertenciosamente ensinando a doutrina aos povos rudes das montanhas e procurando todos os meios de os levar ao bom caminho, pregava o sermão obrigado a lagrimas, como é costume no interior da provincia. Descrevendo os horrores do inferno, exclamou:

—Meus irmãos. Diz-se que o inferno é de fogo, por que o frio queima como o fogo. O inferno porém, é gelo, gelo eterno. Este frio que nós aqui sentimos, pôde-se chamar agua a ferver, comparado com o frio que lá se sente. Lá, o sangue gela nas veias, como ahi na aldeia o córego da bica. O que se come é gelado, o que se bebe é gelado. As almas penadas que para ali vão, tomam corpo para poderem sentir, durante a consummação dos seculos, as dores horriveis d'aquelle frio eterno, dores que nós, meus irmãos, poderemos avaliar pelas que vos causa este friosito cá da terra que, como vos digo, é agua a ferver, comparado com o frio do inferno!

Quando o pregador desceu do pulpito, um viajante que estava de passagem na terra, foi interpelado:

—Diga-me cá sr. Abbade, como é que transformou em gelo as fogueiras do inferno?

—Deixe lá, respondeu convictamente o bom padre, com o frio que por aqui vai, se fosse dizer a estes labregos que no inferno havia calor, eram capazes de desatar a fazer peccados só com a ideia de irem para lá aquecer-se!

Vinho.—Dizem de Mog feres que não se teem realisado alli, nos ultimos dias, transacções importantes em vinho da Bairrada da ultima colheita. Os preços para os tintos de 1.<sup>a</sup> qualidade continuam a manter-se no concelho de Anadia a 37\$500 e 39\$000 reis a pipa de 600 litros. No concelho da Mealhada regulam os mesmos preços, fazendo-se alli a pipa de 570 litros.

Visita real ao Porto.—Diz-se que a familia real vem visitar o Porto, no proximo meez de fevereiro.

Novas moedas.—Brevemente são postas em circulação as novas moedas de prata, de 500 rs.

Serpa Pinto.—Consta que o notavel africanista vai renunciar o seu lugar de deputado, logo que se abra o parlamento.

Servico de saude.—Em Lisboa estã inscriptos nos registos da divisões policiaes 145 pharmaceuticos e 42 dentistas. não ha inscripção.



**Julzes de si proprios.**

—A *Gazeta do Povo* avaliando por si os outros jornaes, está toda satisfeita por julgar ter adivinhado que o *Commercio* é do sr. administrador do concelho.

Tardou, mas... não adivinhou. Nem o sr. administrador tem cousa alguma com o *Commercio*, e nem este precisa do sr. administrador.

Se o *Commercio*, sempre que para isso ha razão, faz elogios ao caracter digno e honesto do sr. dr. José Ramos, cumpre apenas um dever de consideração e respeito com um cavalheiro, cujo trato affavel e delicado é sobejamente conhecido.

E, se admittissemos os principios em que se funda a *Gazeta*, então o *Commercio* não era só do sr. administrador, era tambem de todas as pessoas que exercem a caridade para com os pobres e casas de beneficencia, porque a todos temos tributado os nossos louvores.

Ora, com a *Gazeta* é que succede exactamente o contrario.

Todos os incensos e cotos de cera que a *Gazeta* queima ao seu patrono, esses é que são encomendados, e até ha quem diga, que más linguas! que é o proprio patrono que os escreve.

Pelo menos, o proprietario da *Gazeta* já disse que quem ali manda é o sr. conselheiro.

Recorda-se a *Gazeta* do ouvir o patrono dizer que botara falla nos comicios com baionetas dois passos atrás das costas; e (referindo-se a Aveiro), que foi incumbido de governar o districto mais difficil de politicar no paiz?

Uf!... fica uma pessoa cansada de dizer tanta cousa bonita! Mas... ao que importa.

O n.º do art. do Cod. Adm. publicado pela *Gazeta*, com o qual pretende provar que o sr. governador civil cumpriu a lei mandando entregar ao asylo d'invalidos a importancia dos dezimos, só comprova que o sr. governador civil cedeu essa importancia porque quiz.

E se não vejamos o n.º citado, e transcripto da *Gazeta*:

*«Ao governador civil pertence: N.º 4—ordenar a estas corporações que organisem novos estatutos em harmonia com os regulamentos ou instrucções geraes do governo, podendo obrigar, tanto as que já existirem como as que de novo se fundarem, a applicar, pelo menos a decima parte da sua receita ordinaria a actos de beneficencia no concelho.»*

**FOLHETIM**

M. PINHEIRO CHAGAS

**OS GUERRILHEIROS DA MORTE**

VII

**Influencia de Napoleão nos amores de Jayme**

(CONTINUADO DO N.º 46)

A morte da regência pouca impressão produziu. Todos tinham o maximo desdém por esse conselheiro subserviente, que se resignára a ser o docil instrumento do despotismo de Junot, e que não dera senão provas de fraqueza e de falta de dignidade.

Mas a desappareição da bandeira nacional essa impressionára seriamente a população lisboense. Demais a mais chegára a noticia de que as tropas portuguezas estavam sendo por toda a parte desarmadas, que os regimentos eram dissolvidos para que dois ou tres se fundissem n'um só que partiria para França, e todas estas lugubres noticias acabrunhavam devéras o espirito dos habitantes de Lisboa.

e a auxiliar o ensino primario da respectiva freguesia».

O sr. conselheiro... perdão, a *Gazeta* parece que não deu importancia á palavra *podendo*. Para nós esta palavra diz-nos que o sr. governador civil pode ou não mandar applicar a um só estabelecimento de caridade os decimos das confrarias, e como pode, pela lei, e quer, pelo pedido do sr. administrador, s. ex.ª fez uma concessão beneficente mandando entregar ao asylo de entrevados a importancia dos decimos, e o sr. administrador tambem partilha na concorrência d'esse acto, pelo ter pedido.

Ainda mais. Se o sr. governador civil apenas cumpriu a lei fazendo o que fez, para que se incommodou a Mesa da Santa Casa em dirigir officios ao sr. administrador pedindo a sua protecção e agradecendo o favor?

O que nos parece é que o localista não sabe, nem fazer nem interpretar leis, só o que sabe, e dizem que com toda a proficiencia e sagacidade, é fazer *paciencias*.

**Banco de Barcellos**—Recebemos e muito agradecemos o relatório da gerencia do Banco de Barcellos, pelo qual se vê a prosperidade d'aquelle importante estabelecimento, pois que distribue um dividendo de 6 e meio por cento no corrente anno.

É muito para louvar a dignissima gerencia, pois que se não poupa a sacrificios para levantar este Banco a uma altura muito lisonjeira.

No dia 31 deve reunir-se a assembleia geral dos accionistas para a approvação de contas e eleição dos corpos gerentes, como já n'este jornal annunciámos.

**Regedores**—Sobre esta epigraphe a *Gazeta* com a sua má fé que a caracteriza e com uns intuitos reles que o desespero lhe accende, de tudo malsinar, vem apregoar que foi cercada a casa d'um dos regedores nomeados pelo actual sr. administrador, por mandado da auctoridade judicial, que procurava prender um individuo accusado de assassinato.

Porque seria tambem que não falou do cerco feito na mesma occasião á casa d'um regedor nomeado pelo administrador regenerador que ainda não foi substituido?

Demais, informam-nos, que tanto um como o outro são homens de bem e que pelo facto do cerco que lhes fizeram não perderam a sua honrada reputação, pois se-

Depois, não contentes de derribarem a nossa bandeira, os francezes iam picando as armas reaes em toda a parte onde as encontravam.

N'uma tarde dos fins de dezembro de 1807, um grupo de portuguezes atravessavam tristemente o Passeio Publico, voltando de presenciar uma d'essas demolições, que tanto magoavam os sentimentos monarchicos e patrioticos da população. Sentaram-se n'um banco, a pouca distancia de uma senhora de meia idade, de physionomia séria, triste e um pouco severa até, que, acampanhada por uma criada, contemplava silenciosamente as arvores agitadas pela brisa invernall. Os recémchegados continuaram a conversar no assumpto que os impressionára.

—E ha coração portuguez que possa supportar estas infamias! dizia um d'elles.

—Que remedio! tornou outro. A policia de Junot é implacavel. Este Lagarde, que substituiu Lucas de Seabra, é mais inquisitorial que o proprio Pina

averiguou que foi falsa a denuncia.

Indigno é quem illude as auctoridades e quem sacia os seus odios mesquinhos, aticando e fomentando delicias para rebaixar individuos que estão tranquilos e socegados em sua consciencia.

Prometteu explicação. Pois venha ella. Não digam meias palavras.

Então talvez nos provoquem verdades amargas.

Aqui andou coisa no ar.

**«A Jornada»**—Recebemos o 1.º n.º da 2.ª serie d'este jornal litterario, que se publica mensalmente n'esta villa. Assumptos interessantes e bem redigidos.

**Audiencias geraes**—Começaram na quarta-feira passada n'esta comarca as audiencias geraes.

**Conde de Paris**—Acha-se em Lisboa o illustre sogro d'el-rei, o sr. conde de Paris, acompanhado de seu filho o sr. duque d'Orleans.

**Logar de aferidor municipal**—Vão mosquitos por cordas entre a gente regeneradora por causa do logar de aferidor municipal, vago pelo fallecimento do sr. David Bezerra.

Todos querem o logar, mas —como de dois pobres a uma porta um vae sem esmola —estamos para ver como o sr. conselheiro José Naveas ha de descalçar a bota, porque o caso não está tão simples como parece.

O sr. conselheiro diz á bocca cheia, e onde quer que chegue —escusa ninguem de pedir-me, o logar já está dado ao José Duarte —(este José Duarte é o *fac-totum* do s. ex.ª). Mas como é que s. ex.ª ha de satisfazer ás cartas do sr. Lopo Vaz, je d'outros seus correligionarios que desejam o logar para pessoas de sua familia? E com que direito é que sua ex.ª diz que o logar já está dado? Em que se funda para affirmar tal? Será para afugentar os outros concorrentes, ou para imitar a gralha da fábula, querendo enfeitar-se com o *penacho do posso quero e mando*?

Outros ventos, outros tempos, carissimo senhor.

**Industria nacional**—Pelo ministerio da marinha vae ser aberto o concurso para, na industria nacional se construirem duas canhoneiras de guerra.

**Selvageria**—Em Alcochete um vereador municipal foi victima d'um attentado verdadeiramente selvagem. Apanhado dentro d'uma casa onde esperava uma entrevista com uma mulher casada cor-

ram os passeantes aterrados, repare...

—Não se assustem, continuou ella com um sorriso ironico, podem retirar-se, se quizerem. Eu tomo a responsabilidade da poesia. Quero recitar os versos aos echos de Lisboa, que só repetem vozes estrangeiras, ou covardes queixumes.

E, dizendo isto, sacára um manuscrito da algibeira. O auditorio hesitou um momento entre a curiosidade e o medo; mas, afinal, envergonhando-se de receber lições de bravura de uma mulher, ficou.

—E' filho do Brazil o poeta, disse a senhora; conheço-o ha muito; esteve aboletado na minha casa de Traz-os-Montes, quando era apenas cadete. Já lá vae bastante tempo. Hoje Luiz Pinto de Oliveira França é casado, capitão do 9 de cavallaria, e tem já um filho, cadete no mesmo regimento. Não lhes lerei a sua carta. Conta-me a impressão que soffreu, quando o seu regimento recebeu em Coimbra ordem de entregar as armas.

—Mas, senhora... brada-

ram-lhe as orelhas e os labios. Em seguida foi barbaramente espancado e levado de rojo para a rua. O desgraçado tem mais de 30 annos.

**Os engajadores**—Dizem de Coimbra que em todos os concelhos d'aquelle districto se está procedendo com todo o vigor a um inquerito sobre a emigração clandestina.

Bom era que o sr. governador civil d'este districto ordenasse o mesmo, pois estamos certos que alguns concelhos do districto de Braga devem dar bastantes elementos para um bom inquerito.

**O frio**—E' horrorosa a chronica do frio e gelo, não só referente a toda a Europa, mas ainda em Portugal.

A miseria alastra-se cada vez mais, os prejuizos na agricultura, e industria são grandes, e não raro se encontram pessoas que succumbiram ao frio e fome.

Um quadro horrivel, bem digno de dó e de caridade, que contrasta com as caçadas d'el-rei.

*Le roi s'amuse...* e tanto basta.

**Milagres de S. Francisco Xavier**—Noticias chegadas de Gôa dizem que diariamente 5 a 6:000 pessoas visitam o corpo de S. Francisco Xavier. Contam-se alguns milagres feitos pelo santo, sendo grande o numero de cegos, paralyticos e outros enfermos que ali vão procurar remedio para os seus males. Um rico negociante da Australia foi para curar um filho que o acompanhava.

O rapazote beijou o pé de S. Francisco e ficou logo bom. O negociante retirou-se dando avultadas esmolas.

Não tardará que os inglezes nos *inglezem* o S. Francisco para fazerem a exploração dos seus milagres!

**Freira**—Com 90 annos de idade morreu soror Perpétua no recolhimento de St.º Estevão, de Leiria.

**ANNUNCIOS**



**AGRADECIMENTO**

Antonio Gomes da Cunha Gui-

ram os passeantes aterrados, repare...

—Não se assustem, continuou ella com um sorriso ironico, podem retirar-se, se quizerem. Eu tomo a responsabilidade da poesia. Quero recitar os versos aos echos de Lisboa, que só repetem vozes estrangeiras, ou covardes queixumes.

E, dizendo isto, sacára um manuscrito da algibeira. O auditorio hesitou um momento entre a curiosidade e o medo; mas, afinal, envergonhando-se de receber lições de bravura de uma mulher, ficou.

—E' filho do Brazil o poeta, disse a senhora; conheço-o ha muito; esteve aboletado na minha casa de Traz-os-Montes, quando era apenas cadete. Já lá vae bastante tempo. Hoje Luiz Pinto de Oliveira França é casado, capitão do 9 de cavallaria, e tem já um filho, cadete no mesmo regimento. Não lhes lerei a sua carta. Conta-me a impressão que soffreu, quando o seu regimento recebeu em Coimbra ordem de entregar as armas.

marães e sua esposa Maria Angelina da Conceição Figueiredo Guimarães, extremamente gratos para com todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua sempre chorada filha, Elzira Guimarães, assim como a todos os que se dignaram acompanhar o cadaver á sua ultima morada, e ainda para com os revd.ºs srs. ecclesiasticos que gratuitamente assistiram aos responsos por alma da finada e a acompanharam ao cemiterio, e bem assim para com as exm.ªs filhas do sr. Antonio Bernardino de Souza e exm.ª sr.ª D. Eliza Augusta Rodrigues de Loureiro e exm.º sr. Joaquim Valle, pelos bons serviços que lhe prestaram durante a enfermidade da fallecida, por este meio a todos agradecem penhoradissimos. (77). Barcellos, 13 de janeiro de 1891

**LECCIONAÇÕES**

O Padre Emilio Augusto da Esperança Machado e Antonio Maria Vieira Ramos, abrem no dia 4 do proximo fevereiro cursos de portuguez e francez.

A matricula já está aberta no estabelecimento do sr. Manuel José Ferreira Ramos.

Horario—Portuguez, das 10 ás 11 1/2 da manhã; francez da 1 ás 2 1/2 da tarde.

—Rua de S. Francisco, casa contigua á capella de S. Christovão. (78)

**AVISO AOS INCAUTOS**

Ninguem contrate com a sr.ª D. Maria do Carmo Barreto Alão, moradora na rua do Campo Lindo, n.º 193, d'esta cidade, sobre os bens que a mesma houve por fallecimento de seus thios José da Cunha do Rego Barrete Alpoim e D. Maria Eugenia da Cunha Barreto Alpoim, por isso que se vae intentar a competente acção para provar que a mesma nada podia vender e que são nullas todas as vendas feitas das propriedades comprehendidas na referida herança.

Porto, 20 de janeiro de 1891. (79) Carlos Alberto Dias.

Commovido extraordinariamente, dá o braço ao filho, leva-o á velha igreja de Santa Cruz, e, chegando junto do tumulo de D. Alfonso Henriques, parte a espada, diz a seu filho que faça o mesmo, e, agitado, sentindo o contraste que havia entre a humilhação d'esse momento, e as lembranças de gloria que n'essa vestuta igreja se aninham, improvisa o seguinte soneto, que escreveu assim que voltou a casa, e que me enviou ainda quente da primeira inspiração:

A teus pés, fundador da monarchia, vae ser a lusa gente desarmada! Hoje cede á traição a forte espada, que já mais se rendeu á valentia.

O' rei, se a minha dôr, minha agonia penetrar podem sepulchral morada, arroba a campá, e com a mão mirrada corre a vingar a affronta d'este dial

Eu fiel, qua te foi Moniz teu pagem, fiel sempre seréi; grata esperanza me sopra o \_ogo de immortal coragem—

E as lagrimas, que a dor aos olhos lança aceita-as, grande rei, por vassallagem, recebe-as em protestos de vingança!

(Continúa).



# GRANDE DICIONARIO DE LAROUSSE

A MAIOR E MAIS COMPLETA ENCYCLOPEDIA

17 Volumes 4º encadernados

Um VOLUME POR MEZ LISBOA 6500 REIS (pago a entrega)

Um VOLUME POR MEZ PROVINCIA 6800 REIS (pagamento adiantado)

DIRIGIR OS PEDIDOS A

## GUILLARD, AILLAUD & C<sup>IA</sup>

242, rua Aurea, 1º — LISBOA

É IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSE ALVES DO VALLE, CAMPO DE S. JOSÉ, — BARCELLOS e é o seu editor Joaquim Maciel, de Roriz.

# PHARMACIA DA SANTA E REAL CASA DA MISERICORDIA DE BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—Avelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas, suspensorios, mamadeiras, thermometros, etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. 76)

## DOMINGOS JOSE ALVES

Tem no seu estabelecimento em frente á praça de D. Pedro V, casa que foi de José Duarte de Souza, um sortimento completo em todos os artigos concernentes ao seu ramo de negocio—fazendas de lã, seda e algodão, e artigos de moda, que tudo vende por preços muito convidativos, havendo muitos artigos que se vendem com grande redução de preços, alguns até por menos do que o seu custo primitivo.

A notar:—riscados a 50,60 e 70 reis, que eram de 80, 90 e 100 reis. Setinetas a 120 reis o metro, que eram de 150 rs. 260 reis. Lengos de seda, desde 360 até 1\$000 e 1\$200 reis.

Meias para senhora e homem, a começar em 80 reis. Ditas para creança, a 50 reis o par. Zephyrs, desde 120 a 200 reis o metro, que eram de 160 e 300 reis. Casimiras, cheviots e picotillos a principiar em 700 reis o metro. Lãs para vestido de senhora, enfiestadas, a principiar em 180 reis o metro. Fichus de malha, para senhora e creança, a 300 reis. Carros de linha preta e branca, a começar em 10 reis. Pannos crus a principiar em 50 reis o metro. Morim branco, a 70 reis o metro. Muitos outros artigos difficil de enumerar se vendem tambem por preços modicissimos. (71)

## OS MISERAVEIS

Assignatura permanente e distribuição semanal de um ou mais fasciculos a 100 réis cada um. A obra completa, 5 volumes ou 70 fasciculos no formato da NOSSA SENHORA DE PARIS, impressão esmeradissima e illustrada com

1.º volume brochado.	1\$350	rs.	Encadernado.	2400
2.º » »	1\$350	»	»	2200
3.º » »	1\$250	»	»	2100
4.º » »	1\$650	»	»	2500
5.º » »	1\$450	»	»	2300

De resto a Casa editora, no que respeita aos preços dos fasciculos para as provincias e garantias de commissão a quem angariar cinco ou dez assignaturas, sustenta o que se acha annuciado com relação a Nossa Senhora de Paris.

GRANDE NOVIDADE POPULAR

### MIMAMORRI

ORA TOMA, MARIQUINHAS

Para 1891—Preço 40 reis

A venda na livraria Civilisação, rua de S. João, 12, e em todas as livrarias e kiosques do Porto.

O COMMERCIO DE BARCELLOS

## VIDA DE D. FREI BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

ARCEBISPO E SENHOR DE BRAGA PRIMAZ DAS HESPAÑHAS DA ORDEM DOS PRÉGADORES, ETC., ETC.

Obra reproduzida da magnifica edição de 1610 feita em Vianã do Castello á custa da mesma cidade. É repartida em seis livros com a solemnidade de sua trasladação por Frei Luiz de Caeças e reformada em estylo, ordem e ampliada em muitos successos e particularidades por Frei Luiz de Souza, um dos classicos mais res. peitaveis da lingua portugueza.

Esta edição, foi traduzida em francez em 1679, e em italiano em 1727, o que bem mostra o seu valor litterario

Os editores resolveram reimprimir a vida do venerando Arcebispo em pttimas condições materiaes e economicas afim de contribuir para a solemnisação do tricentenario da morte do virtuosissimo antistite da Egreja Bracarense. Esta edição será augmentada com a biographia de Frei Luiz de Souza feita por um distincto orador sagrado, dezembargador da Relação Ecclesiastica de Braga.

### CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

A obra comprehenderá os seus livros de que é composta, em tres volumes, o primeiro dos quaes seja publicado por todo o mez de julho, o segundo em 30 de outu-

bro, e o terceiro em 31 de dezembro do anno corrente.

O preço por assignatura é de 500 réis por cada volume pagos no acto da entrega, e avulso 600 réis. Para o Brazil custará 1:200 réis cada volume em moeda brasileira.

Assigna-se em todas as livrarias do reino.

Os senhores correspondentes terão a percentagem de 20 % e além d'isto, um exemplar gratis por cada 12 assignaturas.

Livraria escolar de Forte e C.ª—47 Rua Nova de Sousa 47, A—Braga.

### A INDEPENDENCIA PORTUGUEZA

REDACTOR PRINCIPAL RAPHAEL GONDRIY

O unico jornal francez, portuguez e illustrado

Assignatura paga adiantada: 6, mezes 700 rs.—Administração e redacção, praça de Santa Thereza, 24=PORTO.

### O RECREIO

Almanach litterario e characteristico para 1881

Adornado com o retrato e elogio-biographico do distincto escriptor Julio Cesar Machado, por Francisco Antonio de Mattos, e contendo, além do calendario e mais esclarecimentos proprios de um livro d'esta ordem, uma variada collecção de artigos humo-

risos, contos, poesias, composições, enigmaticas, etc.

Preço 200 réis

A venda na administração da empresa rua do Diário de Noticias, 93 e nas principaes lojas do costume, Lisboa.

### CONTOS MODERNOS

A CONDESSITA, Fialho d'Almeida; SANGUE DE SANTO, Santos Gonçalves; SINGULAR EFEITO DO BAPU, Louis Gramont; A AMNISTIA, Oscar Méténier; ANN-LINA, Alexandre Weill.

Cada volume dos «Contos Modernos» custa por assignatura 50 reis tanto em Lisboa como nas provincias. A assignatura entende-se por séries de 12 voluminhos de 48 pag. nitidamente impressos, em luxuosa edição e bom papel. Para a provincia a assignatura é feita ás series de 12 volumes pelo custo de 600 reis, pagos adiantadamente.

Assigna-se: rua do Diário de Noticias, 93.

### NOVIDA DE LITTERARIA

Almeida Bessa

UM FEIXE DE VIOLETAS—Contos illustrados. 1 elegante volume em 18.º nitidamente impresso:

Papel velino.....300 rs.

»Hollanda....1:500 «

»Japão.....2:000 «

Editores—Guillard Aillaud Lisboa

## OS MYSTERIOS DO PORTO

PER GERVASIO LOBATO

Romance de grande sensação, desenhos de Manoel de Macedo, reproduções phototypicas de Peixoto e Irmão.

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Em Lisboa e Porto distribue-se semanalmente um fasciculo de 43 paginas, ou 40, com uma phototypia, custando cada fasciculo a modica quantia de 60 réis, pagos ao acto da entrega.

Para as provincias a expedição será feita quinzenalmente, com a maxima regularidade, nos fasciculos de 38 paginas e uma phototypia, CUSTANDO ADA FASCICULO 120 RS.—FRANCO DE PORTE.

Para Lisboa e Porto não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas, raios de correio ou ordens de fôrta cobrança e nunca em sellos forenses.

As pessoas que, para economisar portes de correio, enviarem de cada vez a importancia de cinco ou mais fasciculos, receberão na volta do correio aviso de recepção ficando por este modo certas de que não houve extravio.

### TITULOS DE ALGUNS CAPITULOS

Um fogo d'artificio no Palacio de Crystal—O crime do medico—Mortes mysteriosas—O cefe e da morte—O doutor Epidemia—Os segredos da raiva—A amante phantastica—O mal da sciencia—rimos sobre crimes—O cumplice vanzador—A historia do crime—Gabriel e Lushel—Um novo milagre de Santo Antonio—Como o diabo paga a quem o desanua—Rapto—A hospeda do quarto n.º 17—A policia ás aranhas—Um D. Juan de novo sexo—N.º Barredo—O sexto mandamento—Processos dos mandamentarios—O assassino da filha do Pastelheiro—Como a mentira se caça a verdade—Os sermões do Martinho—Crime de estupro—Casar em costa d'Africa—Um achado da Rosa Bebada—O cadaver mutilado—Cames de preto—O braço de ferro—Um assassino á margem do coque—Uma trage dia por detraz do cemiterio do repouso, etc.

Toda a correspondencia relativa aos MYSTERIOS DO PORTO, deve ser dirigida franco de porte, ao gerente da Empresa Litteraria e Typographica, 178, rua de D. Pedro, 184=Porto.

Acceptam-se correspondentes, que deem boas referencias em todas as terras da provincia.

## CONTRA A TOSSE

O xarope peitoral calmante de Faria, de composição inteiramente vegetal, é o melhor remedio conhecido contra os padecimentos do peito e das vias respiratorias, sejam tosses rebeldes, asthmaticas e convulsas, bronchites agudas e chronicas, defluxos, escarros sanguineos, phisicas incipientes etc.

Frasco 500 reis—Vende-se na pharmacia FARIA em Barcellos.